

Ibama interdita Parque Nacional da Chapada

Carlos Silva 19.5.95

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros foi fechado, ontem, por tempo indeterminado pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Uma tromba d'água de cerca de quatro metros de altura, inédita no Rio Preto, matou na Chapada, dia 31, a menina Sophie, 13 anos, filha do adido militar da Embaixada da França, Ives de Roquancourt, e o guia, Paulo Pires Sampaio Filho.

A decisão foi tomada pelo presidente do Ibama, Raul Jungmann.

Ela tem como base a visita de uma comissão de funcionários do Ibama, encabeçada pelo chefe do Departamento de Unidades de Conservação, Gilberto Serra, e pelos próprios chefes do parque, Adílio Miranda e Álvaro Lombardi.

Planejamento — O Ibama considera que deve rever o planejamento de uso e manejo do parque em vista do fenômeno. Não havia, antes, qualquer registro de trombas d'água como a que matou Sophie e o guia no Rio Preto.

Uma equipe especializada começará a examinar a Chapada dos Veadeiros na próxima semana.

Do grupo deverá participar a professora Maria Helena Paes, responsável pelo planejamento inicial do parque, considerado modelo no Brasil.

O diretor de Ecossistema, Ricardo Soavinski, disse que o parque vai permanecer fechado até que se concluam os trabalhos da comissão.

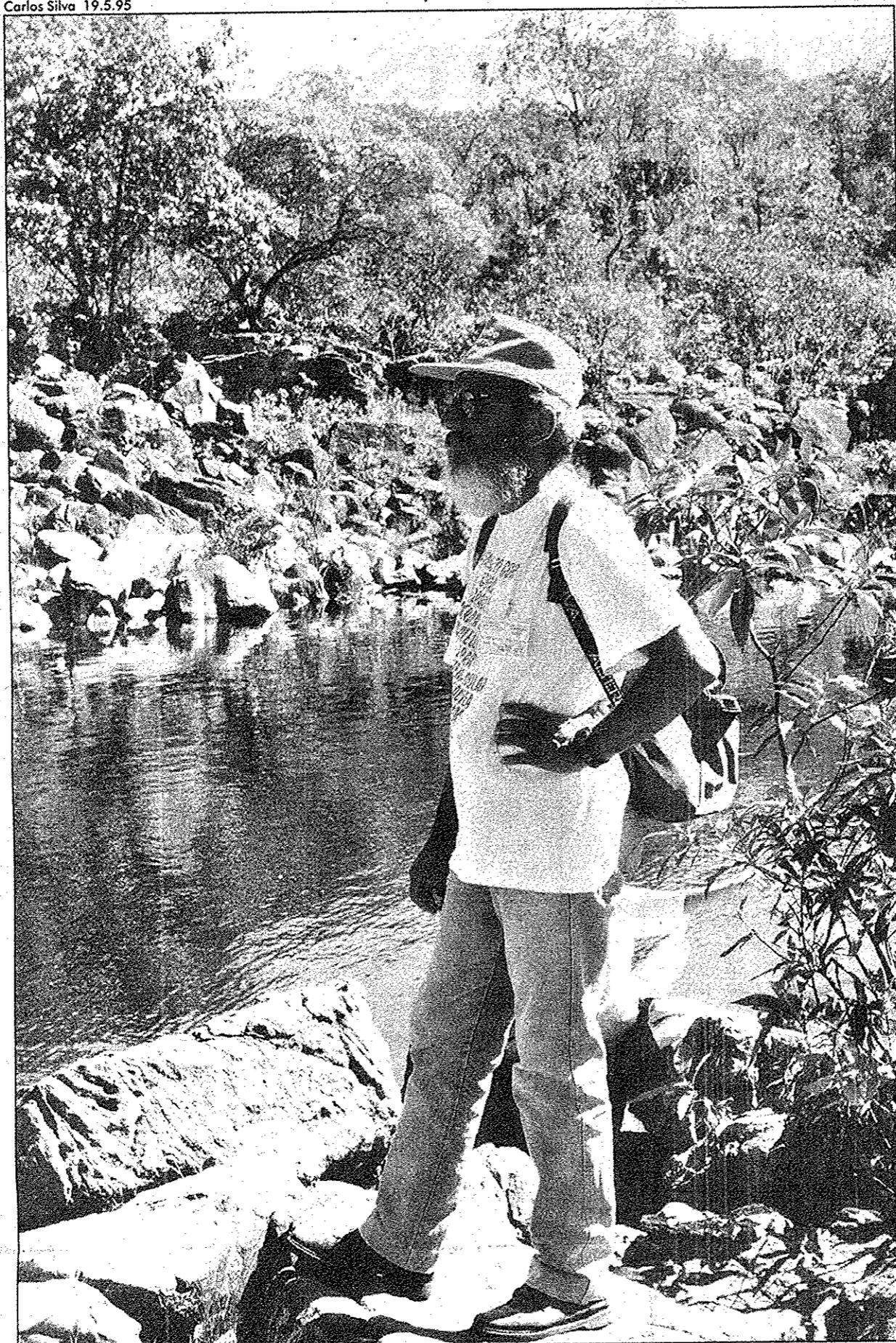
Novas trilhas poderão ser criadas, outras já existentes devem ser fechadas e devem ser instalados novos mecanismos de segurança para proteger o turista.

Sobrevivência — A situação dos guias também já está sendo analisada por outro grupo de trabalho, formado pelos ministérios do Meio Ambiente — ao qual o Ibama é subordinado — e da Indústria e Comércio, por meio da Embratur.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros foi visitado por 15 mil pessoas em 1995.

"Lamentamos por todos que pretendiam visitar a Chapada dos Veadeiros nestas férias e pelos guias que sobrevivem por intermédio do trabalho naquela área ecológica, mas trata-se de uma medida de segurança", avisa.

O diretor do Ibama adiantou que dentro de pouco tempo será instalado no local um sistema completo de comunicação, inclusive com antenas repetidoras.



O guia Paulo Sampaio Pires foi uma das vítimas da tromba d'água que desabou sobre o Rio Preto no dia 31

MARCOS RODRIGUES

Precaver os imprevistos

Trombas d'água são imprevistas, surgem de repente, e não há guia experiente que possa evitá-las quando elas precipitam-se como uma gigantesca onda que arrasta tudo.

Mas interpretar o acidente que matou Sophie Roquencourt e o guia Paulo Pires Sampaio Filho apenas como uma fatalidade causada por forças inevitáveis da natureza é um engano.

Os dois podem ter sido vítimas do costume de instalar medidas de prevenção apenas depois que alguma tragédia já aconteceu.

O diretor do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, Adílio Miranda, justificou a tragédia dizendo que esta teria sido a pior enchente dos últimos 20 anos.

E nesta época do ano, principalmente após cinco dias de chuva, é óbvio que as probabilidades de um acidente eram maiores.

As normas de segurança deveriam existir para precaver certos imprevistos que, em última análise, nem são tão imprevistas assim.

Não é a primeira vez que este tipo de atitude,

que prefere remediar a prevenir, causa danos na região.

Na seca de 1994, quando vi, numa noite de sexta-feira, quilométricas muralhas de fogo consumirem quase toda a vegetação da região turística do Parque, ameaçando algumas casas da Vila São Jorge, o desastre foi combatido por uns poucos e desequipados guardas do Ibama (alguns abafavam as chamas com galhos de árvores).

Algumas semanas antes, já existia um acordo entre a direção do Parque e o Corpo de Bombeiros do DF, que se dispuseram a lá deixar uma unidade fixa para combater focos de incêndio.

Foram acionados só no dia seguinte e chegaram de Brasília para apagar algumas últimas fagu-

lhas entre as cinzas que cobriam a terra arrasada.

O intenso fluxo turístico é algo relativamente recente no Parque, coisa de cinco anos para cá. Como também novos são a Associação de Guias, a proibição de acampamentos ou circulação de carros dentro do parque e o controle mais rígido da entrada de turistas através da nova sede do Ibama.

Com isto quero dizer que, por mais bem intencionados ou razoavelmente treinados que sejam os guias, o tempo de convivência com a natureza da região, do ponto de vista de um intensivo ecoturismo, é curto.

Com algumas exceções, principalmente entre os antigos garimpeiros, mesmo os nativos da região não tinham, até pouco tempo, um bom domínio ou conhecimento próprio formulado sobre a ecologia local.

Na verdade, a maioria era até mesmo contra a existência do Parque até descobrir que poderia viver do turismo provocado pelas cachoeiras.

Ou seja, muitos dos guias, por necessidade de sobrevivência ou por gosto (co-

mo era o caso de Paulo) querem guiar, mesmo quando as condições de tempo não são favoráveis.

Muitos turistas não querem deixar de visitar o Parque, mesmo pagando o preço de caminhar horas embaixo de chuva.

Em resumo, todos estão aprendendo a conviver com o ecoturismo no Parque. Sophie e Paulo foram algumas das primeiras vítimas deste aprendizado.

■ Marcos Rodrigues é jornalista e há sete anos dono de uma casa na Vila de São Jorge (a um quilômetro da entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros). Ele estava lá na ocasião do acidente que matou Sophie Roquencourt e Paulo Pires Sampaio Filho no dia 31.

Eles podem ter sido vítimas do hábito de só prevenir após a tragédia

Marcos Rodrigues